

Para ler a imagem fotográfica, é preciso compreender as mediações entre a fotografia e o olhar: "não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela" (p. 145). É necessário ter em conta a complexidade da imagem, que envolve as operações da mente humana e a realidade exterior. O que se mostra não é igual ao que se vê. **Ver** é uma aprendizagem.

A analogia entre foto e memória está presente o tempo todo. Como na memória, as fotografias envolvem seqüências e associações. A autora não cristaliza o sentido da imagem fotográfica. Os retratos de família, tão associados à tradição, à idéia de passado (amarela-

dos...), transformam-se, sob seu olhar, numa fusão do passado com o futuro: memória e projeto. "Uma busca no que foi, do que será" (p. 86).

O livro de Miriam Moreira Leite, decodificando a imagem fotográfica, ensina uma maneira de olhar e ver. É leitura imprescindível não apenas para quem usa a fotografia como fonte de pesquisa, mas para quem quer compreender o que dizem, além do imediatamente dado, os retratos emoldurados e amplamente exibidos nos móveis e estantes da casa ou aqueles esquecidos em algum canto recôndito, mas presentes na profundidade dos afetos

CYNTHIA ANDERSEN SARTI ■

## Sexualidade democratizada

### Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau.

Tradução e adaptação do grupo de pesquisa em Orientação Sexual da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

"Na verdade, cabe aos guias, sugerindo posições críticas e instigando a curiosidade dos leitores, desafiá-los a que corram risco. Sem o que não há criatividade. É exatamente isso o que se espera deste *Guia de Orientação Sexual*. Algo mais que isso ele fará, na medida mesma em que o trabalho sério de seus autores e autoras fez dele um texto aberto e não fechado. Um texto crítico e não ingênuo, um texto cheio de proeza e vazio, seco, absolutamente 'esturricado' de puritanismo."

Paulo Freire, São Paulo, janeiro de 1994

- 86% das pessoas são favoráveis à orientação sexual nas escolas;
- 32 % dos pais conversam sobre sexo com os filhos;
- 50% dos pais nunca falaram sobre sexo com seus filhos.

Pesquisa do Instituto Datafolha realizada em dez capitais brasileiras, divulgada em 27/06/93

A sexualidade é construída, basicamente, a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou com quem cuide dele. Seguem-se as relações com família, amigos e as influências do meio cultural. A capacidade da mãe tocar o filho, aconchegá-lo, acolhê-lo psicologicamente, será a base para o desenvolvimento da resposta erótica e da capacidade de construir vínculos amorosos e do desejo de aprender.

Apesar de os trabalhos desenvolvidos por Freud, ainda no início do século, constatarem a existência da sexualidade infantil, da curiosidade natural das crianças a respeito de sua origem e das dificuldades decorrentes quando elas não conseguem responder a essas questões, alguns preconceitos e tabus têm impedido os pais de conversarem com seus filhos e as escolas de informarem as crianças.

Sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir na alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa.

A orientação sexual deve começar quando a criança entra na escola e se desenvolver ao longo de toda a seriação escolar. Na pré-escola e nas três primeiras séries do primeiro grau, não se estrutura com horários específicos, nem se constitui em uma matéria. Ela atende à demanda natural da criança e depende da capacidade de o professor perceber as manifestações da sexualidade infantil, para poder lidar adequadamente com elas

A orientação sexual se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. A orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetivas, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões.

Os pais devem ser informados sobre os pressupostos e objetivos do trabalho de orientação sexual, o que pode ser realizado através de reuniões, entrevistas ou comunicações por escrito. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com sexualidade infantil e adolescente fortalece o trabalho de orientação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família.

Com o intuito de fazer frente às dificuldades e resistências citadas, parece-nos pertinente e atual a publicação deste *Guia de Orientação Sexual*, para o qual está atribuída dupla função. Por um lado, a função pedagógica, norteadora para educadores e todos aqueles que, direta ou indiretamente, trabalham com crianças e adolescentes. Por outro, a função política de somar esforços para ampliar a discussão e o espaço em defesa do direito de toda criança e adolescente a receber orientação sexual, visando melhorar a qualidade de vida e a saúde dos cidadãos.

Este trabalho está concebido dentro de um processo educativo ético. A educação ética só pode ser exercida se educador e educando pensam e escolhem livremente, como sujeitos da própria ação. Portanto, o *Guia* não pretende induzir comportamentos, mas ampliar a capacidade de reflexão, avaliação e compreensão, possibilitando um posicionamento próprio em relação ao exercício da sexualidade.

As diretrizes deste *Guia* estão divididas em quatro níveis de desenvolvimentos, da pré-escola à terceira série do 2º grau. Estão organizadas em seis **conceitos fundamentais** integrados por **tópicos**, **subconceitos** e **mensagens** a serem desenvolvidas, de acordo com a idade do aluno.

Os **conceitos fundamentais** têm as seguintes denominações. Desenvolvimento Humano, Relacionamentos, Comunicação, Comportamento Sexual, Saúde Sexual e Sociedade e Cultura.

As **mensagens** a serem desenvolvidas com as diferentes faixas etárias têm sentido somente dentro do contexto geral das diretrizes. Quando um trabalho de orientação sexual é iniciado em um nível mais adiantado, os professores deverão incorporar as mensagens dos níveis anteriores. Existe um encadeamento e uma complementação entre as mensagens, que perdem sua abrangência quando utilizadas isoladamente.

Os níveis refletem quatro estágios de desenvolvimento. nível 1: infância, de 5 a 8 anos de idade; nível 2, puberdade, de 9 a 12 anos de idade; nível 3: adolescência inicial, de 12 a 15 anos de idade; nível 4: adolescência, de 15 a 18 anos de idade.

Destacamos no *Guia de Orientação Sexual* sua disposição técnica, que amplia a discussão sobre sexualidade de forma democrática, ao garantir adaptações conforme a realidade de cada sujeito receptor de sua mensagem. Ou seja, o programa está, basicamente, montado para atender um maior grau possível de reflexões sobre a sexualidade. A título de exemplo podemos citar uma das mensagens: "A atração sexual não deveria determinar a classificação das pessoas em diferentes categorias, pois isso favorece a discriminação e cristaliza o caráter flexível do desejo humano" (p. 30).

#### Atração sexual & orientação sexual

Nos meios médico, jurídico e da sexologia, o termo orientação sexual é utilizado para denominar a identidade erótica dos cidadãos - hetero, homo ou bissexuais. Neste *Guia*, optamos pela expressão atração sexual para tratar do desejo sexual, no sentido de evitar a categorização dos indivíduos e ampliar a visão da sexualidade.

Os objetivos a serem alcançados no trabalho de orientação sexual pretendem favorecer o bem-estar sexual dos indivíduos. Este *Guia*, através da discussão de conceitos fundamentais, cria condições para que o aluno possa enriquecer-se no desenvolvimento humano, nos relacionamentos, no comportamento sexual, na comunicação, na saúde sexual, na sociedade e cultura.

Uma das tantas virtudes que também merece especial destaque neste *Guia de Orientação Sexual* é a praticidade com que desenvolve, através de tópicos específicos, subconceitos conectados a cada tópico e mensagens a serem desenvolvidas, apropriadas a cada idade.

Os conceitos fundamentais, já destacados, abordam sugestões referentes a: anatomia e fisiologia reprodutiva, reprodução; puberdade;

corpo e auto-estima; atração hetero, homo e bissexual; família; amizade; amor; namoro e relacionamentos eventuais; casamento e união estável; paternidade/maternidade; valores; decisões, comunicação; assertividade; negociação; busca de ajuda; sexualidade ao longo da vida; masturbação; vida sexual compartilhada; desejo e prazer sexual; métodos anticoncepcionais; aborto; doenças sexualmente transmissíveis e infecção por HIV; prática de sexo protegido; abuso sexual; saúde reprodutiva; sexualidade e sociedade, relações de gênero; direito e cidadania; sexualidade, religião, mídia e artes

Trata-se de uma obra com cuidadoso rigor metodológico. Além de pretender expor conceitos referentes a orientação sexual, incita o leitor a aprofundar-se sobre o assunto, tendo como ponto de partida uma extensa e bem selecionada bibliografia.

A sexualidade - um dos tabus da sociedade brasileira - e seus preconceitos são abordados correntemente do início ao fim do *Guia*. Em momento algum torna-se panfletário ou normatizador, apenas ressaltando que "na sociedade existe diversidade de atitudes e comportamentos sexuais; algumas pessoas são discriminadas devido à forma pela qual expressam sua sexualidade" e "Todas as pessoas deveriam receber um tratamento igual e justo".

Não temos dúvida de que este *Guia* deve nortejar os trabalhos de orientação sexual nas escolas brasileiras. Muito contribuirá para um Brasil do futuro mais digno e realmente democrático, no sentido mais amplo e abrangente deste conceito.

ARNALDO DOMINGUEZ ■  
WILTON GARCIA ■

## Honra feita de sexo

**Honradas e Devotas:** mulheres da colônia, condição feminina nos conventos e recolhimentos no Sudeste do Brasil, 1750-1822.

ALGRANTI, Leila Mezan.

Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/EdUnB, 1993.

Depois de iluminar vinte anos do complexo e mal conhecido cotidiano de escravos no meio urbano do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX, Leila Mezan Algranti leva-nos a cruzar outro tema inédito na História do Brasil. Em *Honradas e Devotas Mulheres da Colônia* nos faz olhar por cima dos altos muros que cercavam conventos e recolhimentos em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII. E aí, o que vemos?

Muito mais do que a simples descrição das formas de religiosidade que pautavam as vidas femininas. Vemos, sim, graças a um texto denso e preciso, como funcionava o fenômeno da reclusão doméstica e institucional na sociedade colonial, quais as condições de vida das mulheres nestes espaços, qual o significado de instituições deste tipo no Brasil colonial. Manuseando com extrema habilidade fontes variadas - registros de entrada na instituição, concessão de dotes pela Santa Casa, correspondência da polícia e do

Conselho Ultramarino, processos de noviciado, inventários e testamentos - Leila foge com grande habilidade de fazer uma história puramente institucional, revelando-nos recolhimentos e conventos que surgem, contrariamente ao desejo da Coroa portuguesa, como fruto da necessidade dos colonos em criar locais seguros para a preservação da honra feminina e que acabavam por tornar-se espaços devocionais e correccionais.

A história destas vidas aparentemente silenciosas começa longe, no início do cristianismo, com as virgens consagradas vivendo em comunidades femininas isoladas. Do surgimento da clausura, entre os séculos XI e XIII, às transformações impostas pelo Concílio de Trento, ao encerramento de "órfãs, mendigas e decaídas", a historiadora nos revela os diferentes momentos da vida claustral pelos olhos de Joana de Portugal, beata, santa e "mulher amorosa" ou de Jacinta de Jesus, membro piedoso das elites cariocas setecentistas. Ambas permitem-lhe apresentar ao leitor as singulares condições sociais em que floresceu a vida religiosa feminina em Portugal, e depois no Brasil, entre os séculos XV e XVIII.

Com enorme competência e graça, a historiadora convida a conhecer a população dos conventos, a partir de processos de mulheres que haviam infringido as normas da época (adúlteras, seduzidas, prostituídas, rebeldes) realiza um estudo sobre o ideal da honra feminina. Quem eram as **honradas**, as